

The

The  
European  
Pavilion

liquidbecomings.eu

European Pavilion

2024

Liquid

Be-

Barcos  
Encontros  
Explorações  
Performances  
Concertos  
Exposições

com-

7, 8 e 9  
Novembro

Imagining  
the

Future of Europe

Programa [PT]

ings

Produção:  
**espaco  
agora  
now**

powered by  
**European  
Cultural  
Foundation**

Encomendado pela Fundação Europeia da Cultura, o Pavilhão Europeu oferece uma oportunidade única de imaginar a Europa através das artes, explorando o que ela é e o que poderá, ou deverá, vir a ser.

Desde a sua criação em 1954, a Fundação Europeia da Cultura (FEC) tem-se dedicado a promover um sentimento europeu, apoiando iniciativas culturais e educativas em todo o continente. Entre elas, destaca-se o papel crucial que a FEC desempenhou na criação do programa Erasmus, que, durante décadas, permitiu a realização de intercâmbios interculturais entre estudantes europeus.

Lançado em 2021, o Pavilhão Europeu concretiza a missão da FEC ao proporcionar um espaço propício à exploração crítica e artística além-fronteiras. Este espaço incentiva os cidadãos europeus de diversas comunidades a refletir sobre o seu passado, presente e futuro, a estabelecer relações em todo o continente, e a delinear formas de moldar uma Europa mais sustentável, responsável e justa.

Ao longo dos últimos três anos, quinze organizações e coletivos receberam subsídios para desenvolver diversos projetos artísticos, desde processos participativos a espetáculos, exposições, debates e residências artísticas, que ligam criadores e pensadores a crianças, estudantes, ativistas, agricultores e comunidades ribeirinhas, entre outros, por toda a Europa.

A edição inaugural do Pavilhão Europeu decorreu em 2022, em Roma, e foi organizada em colaboração com dez organizações europeias, incluindo a ARNA - Art and Nature Association (Harlösa, Suécia), a Fundação Camargo (Cassis, França), Brunnenpassage (Viena), o coletivo EUPavilion (Roma e Zurique), o Institute of International Visual Arts (Londres), a rede europeia L'Internationale, o OGR-Torino, o State of Concept (Atenas), o Studio Rizoma (Palermo) e o Studio Wild (Amesterdão). Reunindo mais de sessenta artistas, ativistas e eruditos, o **Pavilhão Europeu em Roma** foi apresentado em sete das principais instituições culturais da capital italiana, debruçando-se sobre o tema: Como podemos imaginar a Europa através da metáfora do pavilhão?

A edição de 2024 do Liquid Becomings leva esta visão ainda mais longe. Selecionado por um júri independente através de um convite à apresentação de propostas curatoriais, o projeto do Espaço Agora Now, que reúne parceiros de cinco países europeus, propõe-se a redefinir o conceito de pavilhão. Em vez de se centrar num espaço físico, *Liquid Becomings* desenrola-se em quatro rios europeus, o Vístula, o Danúbio, o Reno e o Tejo, onde pequenos barcos tripulados por equipas artísticas exploram identidades fluidas e futuros europeus. Estas viagens culminam num programa artístico de três dias, em Lisboa, onde são apresentadas perspetivas rizomáticas, dinâmicas e pessoais sobre os desafios e as possibilidades da Europa atual.

O Pavilhão Europeu é uma iniciativa emergente com potencial para se tornar uma plataforma relevante, explorando, através da prática criativa, as transições profundas enfrentadas pelos cidadãos europeus.

Para saber mais sobre o Pavilhão Europeu, visite [www.theeuropeanpavilion.eu](http://www.theeuropeanpavilion.eu) e ouça o podcast The European Pavilion



Contacto:  
Lore Gablier, Gestor de Programas  
[lgablier@culturalfoundation.eu](mailto:lgablier@culturalfoundation.eu)

# Becoming Liquid: Como é que nos podemos tornar um “nós”?

NAOMI RUSSELL

*Existe algo fundamental em todos nós, algo que está a definhir: os sentidos, comum a todos. Podemos não estar de acordo no que toca à política, mas talvez possamos encontrar consenso nos sentidos. Estamos a morrer de tristeza. O mundo inteiro está a morrer de tristeza. Nós somos o inimigo.*

**John Cassavetes**

Tal como o Pavilhão Europeu de 2024, *Liquid Becomings* é visto como uma experiência e uma exploração artística ousada da Europa por meio dos seus rios.

Escolhemos os rios não por questões climáticas, mas porque sentimos a urgência de redirecionar o nosso olhar para as áreas periféricas, para os locais menos visíveis, e de nos colocarmos num espaço dinâmico de incerteza: precariedade natural, vulnerabilidade e imprevisibilidade. É um ato de resistência que nos permite explorar o que significa pensar e sentir em conjunto, refletir sobre o sentimento de pertença e o potencial que existe para construirmos futuros coletivos.

Ao reconhecermos a fragilidade como parte integrante do processo artístico, enquanto comunidades temporais, procuramos ter a coragem de perguntar: *O que é que temos em comum? Como é que nos podemos tornar um “nós”?*

Desde o final de junho, quatro equipas artísticas (32 artistas no total) navegaram em barcos sustentáveis pelos rios Vístula, Danúbio, Reno e Tejo, percorrendo 1394 km e atravessando 11 países. Cada um desses rios revelou uma face distinta da Europa. E nós permitimo-nos mergulhar nesta diversidade de contextos.

Partimos em duas embarcações diferentes. Para o Danúbio, Reno e Tejo, utilizamos as duas versões do MS-FUSION, um projeto desenvolvido pelo artista vienense Rainer Prohaska.

Otimizado para a navegação fluvial, o MS-FUSION é uma embarcação concebida por Rainer como uma expressão artística. Este trimarã personalizado funciona como um estúdio flutuante, uma ferramenta direcionada para as vertentes da investigação, estudos de campo e realização de projetos artísticos no meio fluvial. A sua estética única capta a atenção e estabelece uma forma distinta de comunicação,

criando momentos de serendipidade ao oferecer um acesso alternativo a culturas fluviais pouco conhecidas. Foi isso que vivenciamos durante as viagens, onde o barco despertou a curiosidade das pessoas que encontrámos pelo caminho.

O espaço disponível a bordo é limitado, tanto fisicamente como no quesito da privacidade. Os artistas, assim como o capitão, dormem em colchões insufláveis, em tendas de tamanhos diferentes, que são montadas todos os dias, seja no próprio barco ou em terra. O MS-FUSION desloca-se lentamente, a uma velocidade máxima de 14 km por hora, adaptando os horários às condições naturais. A higiene a bordo é básica. O barco dispõe de uma cozinha com fogões a gás onde a tripulação pode cozinhar em conjunto. Viajar desta forma implica libertarmo-nos do hábito cómodo de termos tudo sempre ao nosso alcance. Convida-nos a improvisar, a fazer bom uso do pouco que temos e a redefinir o conceito de “luxo”.

A primeira versão do MS-FUSION foi desenvolvida em 2006, tendo sido construídos e testados com sucesso três protótipos. A versão atualizada e aperfeiçoada do último protótipo foi lançada em 2020. Para a *Liquid Becomings*, Rainer criou uma nova embarcação, o MS-FUSION ULTRA, feita de peças leves e adaptadas às condições específicas do rio Tejo.

O design ultraleve do novo MS-FUSION ULTRA levará o projeto rumo a um futuro mais ecológico, através da combinação de energia solar e da força humana para manobrar a embarcação. Com esta inovação, os métodos de viagem do projeto MS-FUSION tornar-se-ão significativamente mais sustentáveis para iniciativas artísticas futuras em meios fluviais.

O Galar FLOW navegou pelas águas do Vístula; uma embarcação de madeira, de fundo plano, construída a partir de larício e que, tradicionalmente, era utilizada para o transporte de sal.

Cada uma das nossas viagens continha uma verdade que refletia as realidades da Europa.

A fragilidade é uma constante.

A fragilidade está presente nas políticas europeias de

estabelecimento e deslocação de fronteiras, de inclusão e exclusão. É visível na mercantilização da natureza, assim como nas propriedades hídricas dos nossos corpos. A fragilidade reside na realidade da classe trabalhadora, na cumplicidade eterna entre a violência da guerra e a destruição. A fragilidade é o que nos leva ao encontro do próximo; o que está na necessidade constante de agir, mas quase nunca de ser. A fragilidade reflete-se na vaidade institucional. Escondemo-nos dela através de movimentos populistas, da política tecnocrática, das culturas machistas, da indisponibilidade, do fatalismo, do intelectualismo, do consumo, do juízo, do positivismo e da justificação.

A fragilidade reside em cada um de nós.

À medida que navegamos num mundo marcado por perdas irreversíveis e pela incerteza, como podemos cultivar aquilo que é importante nas pessoas? Somos capazes de abraçar as nossas feridas? Podemos ser o apoio que os outros precisam? Podemos construir novos laços sociais para reparar as divisões causadas por um mundo mercantilizado? Ou estamos destinados a reencenar os mesmos dramas?

Os rios podem ser nossos guias.

Os rios servem como fronteiras, pontes, obstáculos e soluções. Transcendem barreiras.

Os rios movem-se em braços paralelos, afluentes e riachos. Estão interligados.

Os rios são guardiões de riquezas naturais.

Os rios possuem uma força imprevisível, atuando como aliados.

Cada rio é uma entidade única, situada num contexto específico, incognoscível e repleta de possibilidades. Neles, e por meio deles, vivemos o presente e a eternidade.

Os rios seguem sempre em direção a um fim.

Imaginar o futuro da Europa exige que todos nós deixemos para trás a inconsequência. Devemos acreditar que é possível construir outros futuros. Precisamos de lutar por espaços onde esses futuros possam ser imaginados e concretizados, onde todos os seres, humanos e não humanos, possam prosperar. Um lugar onde todos nós pertencemos.

Pertencer não se trata apenas de nos salvarmos enquanto indivíduos, com base nos recursos que possuímos ou no acesso que nos é dado. Pertencer é salvar a nossa própria humanidade. O nosso compromisso de dialogar juntos, no tempo e no espaço, nas nossas divergências, na polifonia, na diversidade, na nossa fragilidade, é o caminho para uma pertença radical. Do que é capaz o ser humano? De dar testemunho, de ocupar o espaço e de lutar de forma persistente como prática que alimenta a vida. Neste preciso momento, numa situação de violência inimaginável, os palestinos partilham o pão e demonstram uma capacidade de viver de forma milagrosa, dadas as circunstâncias. Elizabeth Povinelli afirma que *“a resistência não é uma postura heróica face à existência, mas sim um ajuste crónico e lento a todos os pequenos, grandes e contínuos desafios da vida.”*

De forma inesperada, como um grupo de “oddkin”, conseguimos organizar uma bienal em apenas 10 meses. Navegámos em 4 barcos pela Europa, oferecemos oportunidades remuneradas a 44 artistas independentes e a 24 profissionais culturais, chegámos a dezenas de milhares de pessoas, tanto digitalmente como presencialmente, e lançámos podcasts,

blogues e outros tipos de conteúdo. O processo foi exigente, mas conseguimos voltar a terra firme, imperfeitos e unidos, depois de termos trabalhado a nossa inteligência coletiva e as nossas capacidades de invenção, autoaprendizagem, de reflexão e ação. A confiança que a Fundação Europeia da Cultura e o júri internacional depositaram em nós foi notável e motivador. Poucos financiadores na Europa estariam dispostos a assumir o risco de conceder a um grupo de artistas independentes e a uma fundação jovem uma oportunidade de experimentação como esta. Mas eles assim o fizeram. E outros deveriam seguir o seu exemplo.

No fundo, o que o *Liquid Becomings* realmente fez foi abrir uma porta. Suscitou questões mais profundas, prontas para serem exploradas. Como podemos, enquanto artistas, de forma coletiva e individual, alimentar e construir gradualmente estruturas alternativas, incluindo aquelas que habitam dentro de nós mesmos? Conseguimos ser solidários de forma a responder a um mundo que, inclusive, inclui uma Europa que está a morrer de tristeza? Ainda não temos a resposta. Mas é fundamental:

*Estar plenamente presente em configurações inacabadas de espaços, tempos, temas e significados. Criar laços de parentesco através de conexões criativas como uma prática para aprender a viver e a morrer bem juntos num presente denso*

**Donna Haraway**

Encarar os problemas; é onde o verdadeiro trabalho acontece.

Reconhecer a nossa fragilidade e construir a nossa identidade para que possamos permanecer unidos e agir em conjunto.

Ficar Liquid.

Liquid Becomings.

## A EUROPA É AQUI? ALFREDO MARTINS

Lisboa está a arder.

Há poucos dias, um morador negro de um bairro periférico da Grande Lisboa foi morto pela polícia, em circunstâncias ainda não esclarecidas. É só mais um episódio que acontece nas chamadas “zonas urbanas sensíveis”, mas que desta vez gerou um movimento de revolta que se espalhou por vários bairros da periferia, onde autocarros, automóveis e contentores do lixo foram incendiados. A Lisboa visível, europeia e arrumada, ficou cercada por um arco de fogo e fumo, com fuga possível apenas para o mar.

A classificação de zona urbana sensível, tal como a lei determina, tem dois critérios - a nacionalidade e o rendimento -, que é o mesmo que dizer bairros de pessoas imigrantes e de baixos rendimentos. Enquanto uns lutam pela sua visibilidade, outros – com assento parlamentar – dizem publicamente que o agente da polícia que disparou os três tiros deveria ser decorado e que é preciso limpar a periferia de Lisboa. Também aqui estamos em guerra.

Nada disto é uma surpresa. Nada disto acontece só aqui. São diárias as notícias sobre naufrágios de barcos migrantes no Mediterrâneo ou no Canal da Mancha. Migrantes e refugiados amontoam-se em Calais, Lampedusa ou nas Ilhas Canárias. Itália exporta refugiados em busca de asilo para a Albânia. E há extrema direita que, agilmente, escala a montanha.

Estas são apenas as vidas de alguns muitos. Mas ainda sobram muitas outras vidas – humanas e não-humanas – que giram na vertigem de um sistema neoliberal e patriarcal desregulado e que são, diariamente, trituradas.

O futuro é uma ideia que nos assombra cada vez mais. Percebemos agora que, ao contrário do que pensávamos, não estamos no comando.

A destruição progressiva dos ecossistemas, as políticas extrativistas, o ímpeto colonizador, a desterritorialização e desregulamentação dos processos produtivos, a naturalização e administração dos corpos em resposta ao imperativo (re)produtivo, a invisibilização e criminalização da identidades minoritárias – todas estas forças atestam a ruína de um sistema para o qual parece não haver alternativas. Como nos diz Mark Fisher, é mais fácil imaginar o fim do mundo, do que o fim do capitalismo.

Vivemos uma forma de realismo asfixiante e deprimente onde parece impossível imaginar outros mundos. O que fazer para responder a estes tempos desafiantes?

Báyò Akómoláfé desafia-nos a dançar nas fendas do mundo. Ensaiair novas possibilidades, novas tentativas de dar sentido à nossa desconexão com o mundo. Operar uma rutura – uma nova política das fendas, das fissuras, que abandona a ilusão do excecionalismo humano e toma em consideração corpos, fluxos, conjuntos, redes, intensidades, forças, mapas, aparelhos, poderes e territórios.

Passados vários meses e quatro viagens por rios europeus, encontramos-nos em Lisboa. O que é que trazemos connosco? O que é que a cidade (nos) acrescenta?

Como podemos encontrar-nos?

Os dias 7, 8 e 9 de novembro foram pensados como um encontro feito de partilhas e, necessariamente, fricções. Estes dias acontecerão em movimentos pendulares sobre uma linha ondulante que percorre o limite oriental da cidade. Fugimos, portanto, do centro e aterramos num território fragmentado e diariamente disputado. Os bairros sociais convivem, lado a lado, com empreendimentos imobiliários para a classe média-alta; antigos palácios e edifícios industriais dão lugar a novos espaços de habitação e lazer, colocando em marcha um plano de gentrificação acelerada; os novos jardins da frente ribeirinha fazem esquecer os descampados onde o lixo se amontoa.

Trazer para estes territórios a experiência de Liquid Becomings – o tal pavilhão flutuante que se materializa em quatro viagem de barco pelos interstícios da Europa – é, mais uma vez, encetar espaços de diálogo, abertos e necessariamente agonísticos, mas em presença de todos os interlocutores. Será possível?

A programação destes três dias coloca, também, lado a lado as experiências dos artistas e curadores que integraram as viagens e a produção artística e cultural da cidade.

Uma ocupação da Quinta Alegre por estas tripulações partilha as impressões e respostas à experiência da viagem, problematizando os contraste entre o natural e o construído, entre as ruínas e a vida quotidiana que preenchem as margens dos rios.

Este ‘mais ou menos longe’ trazido em imagens, sons, gestos e objetos para Lisboa é colocado ao lado do ‘aqui’: uma refeição de boas-vindas preparada por comunidades imigrantes da cidade; um concerto de batuku cabo verdiano; percussões e roda de samba brasileiras; viagens de tuk tuk guiadas por uma drag queen; experimentações musicais electro indie ao gosto ocidental; um projeto participativo de hip hop com estudantes de uma escola deste território; espetáculos imersivos, como *Terra Nullius* e *Silent Disco*, que experimentam formas de nos ‘tornarmos com’ (utilizando a formulação de Donna Haraway); ficções especulativas que cruzam escrita e artes visuais; conversas exploratórias sobre formas de viver e morrer melhor em conjunto.

## A ROTA DO DANÚBIO *BOJAN ĐORĐEV AND SINIŠA ILIĆ*

Dos dez países por onde passa o Danúbio, o Pavilhão Europeu navegou pela Hungria, Croácia e Sérvia, seguindo até à fronteira romena. Enquanto objeto em movimento, o pavilhão não foi apenas criado e moldado pela viagem em si, mas também pelos encontros entre os oito membros da equipa artística e pela experiência vivida nas margens do rio.

O MS-Fusion, um trimarã, plataforma do Pavilhão Europeu, tornou-se um espaço de colaboração e solidariedade. Um local para ouvir as necessidades e dinâmicas mútuas. Um objeto curioso definido pela precisão dos nossos movimentos, uma coreografia de coexistência.

O Pavilhão Europeu desliza sobre as águas do Danúbio a uma velocidade de 14 km por hora, conectando-se com o vento, complexos industriais, povoações milenares, navios afundados, plantas, animais e as suas formas de ser, e, por último, mas não menos importante, com a *sociedade*. A interação entre a água e o solo deu forma ao Pavilhão. Cruzámo-nos com trabalhadores do litoral, dos serviços de manutenção, turistas, pessoas que se sentem atraídas por uma perspetiva em constante movimento, pescadores, transeuntes, taxistas, ativistas, e especialistas em diferentes áreas. E a cada encontro, o pavilhão cresce através da troca de pontos de vista sobre a arte, a navegação, dificuldades, mas também de informações úteis, criando uma rede imprevisível que liga estas comunidades dispersas.

Liquid Becomings desconstrói a ideia de um pavilhão como lugar de lazer ou de representação. O pavilhão reflete e acompanha a posição em que a maioria de nós, cidadãos europeus, nos encontramos: precários, expostos, em movimento, sujeitos a encontros acidentais, mas necessários, refeições partilhadas e várias práticas pessoais.

### EQUIPA ARTÍSTICA

A tripulação foi agrupada com base no seu interesse em coexistir com a água, envolvendo-se em atividades como a escrita e cozinha colaborativas, a manutenção do navio, assim como o humor e a participação em exercícios relacionados com arte e intervenções ad-hoc em espaços públicos em terra. Um desses eventos coletivos teve lugar na praia da cidade de Kladovo. Utilizou o ambiente como pano de fundo natural, mais concretamente, o espaço público da praia e a vista da cidade de Drobeta-Turnu Severin, do outro lado da fronteira. Esta tentativa de resumir a viagem foi feita através de uma exposição efémera de notas e artefactos da viagem.

A inclusão da própria fronteira interestadual surgiu da nossa conceção do itinerário e das políticas relativas ao estabelecimento e à deslocação das fronteiras, à inclusão e à exclusão, e à regulação da circulação. O Danúbio é definido por fronteiras: romanas e bárbaras, austro-húngaras e otomanas, inter-repúblicas na Jugoslávia, inter-estatais, a que atravessa a Cortina de Ferro, e a que define o espaço Schengen. Esta posição do rio está inscrita na nossa experiência do tempo, do movimento controlado e das infraestruturas no âmbito da regulamentação das fronteiras europeias.

Um exemplo emblemático foi uma conversa com um funcionário da alfândega sobre esperanto. A ideia modernista de uma segunda língua universal, cujo nome significa “aquele que espera”, composta a partir de línguas indo-europeias, foi-nos apresentada através da recitação de um poema pelo nosso interlocutor como despedida. A mensagem era de esperança pela união na fronteira.

### ROTA DO DANÚBIO EM LISBOA

O material proveniente da rota é tão frágil como a própria viagem. Trazido de um contexto completamente diferente, transporta a experiência da fronteira, da periferia e da distância. Apela ao diálogo e ao reconhecimento das constantes mudanças a que o Danúbio está sujeito, tal como as formas variáveis das ilhas de areia ao longo do rio, desafiando, assim, o estabelecimento de fronteiras estatais.

Niel de Vries utiliza argila encontrada numa dessas ilhas para criar esculturas que são sólidas durante tempo seco, mas que se decompõem quando entram em contacto com a água. O herbário de Katarina Popović cria um mapa alternativo do Danúbio. Numa abordagem interativa, Elina Rodriguez desestabiliza a nossa compreensão dos rios. O seu livro à prova de água, feito em colaboração com outros passageiros e através de encontros na margem, resume a resistência, e funciona como um diário que documenta a burocracia durante a viagem. Jaka Škapin proporciona um ambiente imersivo, através da apresentação de registos sonoros e visuais da viagem. Tendo adquirido experiência anterior ao percorrer esta rota, Hanna Priemetzhofer descreve mudanças e perspetivas na sua publicação. O texto de Elodie Olson Coons conduz-nos pelas rotas dos refugiados, através das zonas fronteiriças como possíveis zonas de alto risco.

Como curadores e artistas, propomos uma colagem de visões artísticas dos cursos dos rios e das mudanças no mapa político do continente, consultando a monografia de 1970, *Die Hauptstadt Europas*.

### O FUTURO

Ao navegarmos pela paisagem panorâmica e costeira do Danúbio, com a água a roçar no casco do trimarã e a fluir para dentro dele, que tipo de narrativa sobre o nosso futuro e o da Europa procuramos delinear?

A chave para responder a esta questão pode ser encontrada numa visita aos sítios arqueológicos dos povoados meso e neolíticos de Lepenski Vir, Vinča e Vučedol: comunidades e culturas igualitárias e não imperialistas que se estabeleceram junto ao rio e que o viam como um recurso básico de sobrevivência, incentivando tanto a especulação como a imaginação. Com a noção de que o tempo e o progresso não precisam de ser entendidos como lineares e unidirecionais, talvez possamos vislumbrar o futuro nos vestígios arqueológicos, até mesmo nos ideais de igualdade, bem-estar social e prestação de cuidados do século XX, visíveis em aglomerados da classe trabalhadora de uma época modernista e socialista, como *Borovo naselje*, em Vukovar. Então, como será esse futuro? Talvez seja um futuro de encontros em lugares inesperados, entre pessoas com saberes distintos, através de uma comunicação que tenha em conta as necessidades e realidades alheias; um futuro que, ao gerir os excedentes cuidadosamente, beneficie todos, dentro e fora das comunidades.

## A ROTA DO VÍSTULA *AGNIESZKA BRZEŹAŃSKA, EWA CIEPIELEWSKA E MARIA MAGDALENA KOZŁOWSKA*

*O FLOW é um conjunto de atividades criativas transdisciplinares realizadas no rio Vístula e noutras áreas de fluxo. O rio surge como ponto de partida para as atividades e as vidas partilhadas de artistas, curadores e ativistas sociais, renovando a ideia da arte como uma experiência, sem resultados predeterminados ou a necessidade de criar objetos tangíveis. O rio é um guia, uma inspiração e um meio criativo.*

*O FLOW é, também, um exercício de uma economia alternativa, de partilha e de criação, que não se insere nem num segmento da circulação financeira nem nas estruturas institucionais.\**

O Galar Flow, elemento central deste projeto, é uma embarcação de madeira, aberta e de fundo plano, adaptada ao curso natural do rio. Tem 12 m de comprimento, 3,5 m de largura e um calado de 15 cm. Um dos maiores rios da Europa, o Vístula conseguiu manter a sua capacidade de autopurificação e autorregulação. Para se navegar por um rio natural, é necessário saber ler a turbulência da água, que oscila de forma irregular e redesenha continuamente o leito do rio. As águas do Vístula purificam-se a si próprias. É o próprio rio que assim o permite, em comunhão com a areia, pedras, amarras submersas, raízes de plantas, plantas aquáticas e mexilhões filtradores. A presença de mexilhões é um indicador da pureza da água.

O rio é um corredor de migração para as aves. Somos observados por garças, corvos-marinhos, cisnes, patos e andorinhas-do-mar comuns. Os grou e as cegonhas já partiram, mas fomos recebidos por dois ostraceiros, que apareceram numa ilha perto de Kazimierz Dolny. Uma visão rara! De manhã e à noite, somos sobrevoados por bandos de gansos selvagens. As margens desabitadas do rio e as ilhas fluviais estão repletas de espécies não humanas. As marcas na areia revelam a presença de alces, corços, lontras, raposas e castores.

Os dias estão demasiado quentes para a época do ano, por isso aproveitamos para dar um mergulho refrescante. O rio estende-se de forma pitoresca; é impossível desviar o olhar de tamanha riqueza natural!

Imersos nos elementos da água e do ar, tornamo-nos parte daquilo que nos rodeia, como se fossemos um só. Estamos abertos e sensíveis a tudo. Sentimo-nos felizes e, ao mesmo tempo, dominados por uma sensação de fragilidade, conscientes da natureza efémera do momento. Temos consciência que, mesmo ao lado, a leste, há uma guerra, e, a oeste, cheias. E nós estamos aqui, entre cataclismos, no limiar dos mundos, como se estivéssemos noutra planeta.

No rio, o que vivemos comove-nos profundamente. Sentimos a natureza hídrica dos nossos corpos. *Eu sou o rio, e o rio sou eu.\*\** Juntos, formamos uma pequena comunidade ligada por uma casa em comum, um barco, um projeto e relações interpessoais, embora cada um de nós expresse a sua própria individualidade. Flavia é a primeira a ir dormir e a primeira a acordar. Quando me levanto, ela já foi correr. Sophie trouxe uma câmara analógica, e Patryk

trouxe vários instrumentos e um gravador de cassetes. Ele toca guitarra, e Maria Magdalena canta. Agnieszka apanha artemísias. E Gosia Kuciewicz apenas observa tudo à sua volta, com um ar cada vez mais satisfeito. O que estará a escrever Gosia Kępa? E Gosia Markiewicz? Está sentada à sombra dos salgueiros, a fazer musgos e fetos em croché. Marta está a trabalhar com ervas. Carola procura (e eventualmente, acaba mesmo por encontrar) um castor. Keli escuta as nossas conversas em polaco e escreve-as em português. Quanto a mim, estou apenas a escrever no meu diário de bordo.

Ao longo do caminho, cruzamo-nos com muitas pessoas. Aquelas que aparecem por acaso mostram-se surpreendidas e curiosas sobre nosso barco, nós e a nossa viagem. Contamos histórias, e elas ouvem com grande entusiasmo.

Em Kazimierz Dolny, tivemos a oportunidade de visitar Ewa Zarzycka, uma artista polaca que nos recebeu em sua casa, situada no meio da floresta. Contudo, o nosso encontro com os raftsmen de Solec deu-se em circunstâncias completamente inesperadas. O rio é dinâmico e exige que estejamos sempre preparados para mudanças repentinas. Após alguns dias de cheias, partimos para a viagem. Paramos num grande banco de areia coberto de árvores para passar a noite. Mas a vaga de cheias passou e a água recuou durante a noite, o que nos deixou encahalados no meio do rio! Os raftsmen de Solec apareceram para nos ajudar e organizaram uma operação de “resgate” bastante eficaz. O resultado? Quatro homens e sete mulheres uniram esforços e, em conjunto, conseguiram empurrar o barco de 4 toneladas para a água. Foi incrivelmente gratificante!

Em Cracóvia, organizámos uma série de eventos que envolveram a participação do público e a colaboração com algumas instituições, como a Cricoteka, o Museu de Cracóvia e the House of Utopia. Tivemos atuações, um concerto de escuta profunda no rio Dłubnia, um chá da tarde aquático e um painel dedicado aos rios, recursos livres e questões climáticas. Realizámos um passeio de barco rumo a Tyniec, onde ainda se podem encontrar florestas de várzea no Vale do Vístula. Ali, fora das muralhas da cidade, conseguimos apreciar ainda mais a beleza dos arredores do rio.

\*Texto do Curador para o FLOW/ Przepływ, 2016

\*\* Manifest Flow, 2017

## A ROTA DO RENO ANNETTE MEES E NAOMI RUSSELL

A viagem pelo Reno começou em Colónia e terminou em Roterdão. O barco é composto por 8 pessoas: Flo, o nosso capitão, Tina, Mette, Romauld, Isa, Alicja, Naomi e Annette. No primeiro dia, aproveitámos para trocar impressões e conhecer as práticas uns dos outros. Para explorar como seria viver juntos no MS-Fusion enquanto navegamos por este rio, que representa o epicentro da cultura industrial.

O Reno é um rio onde o comércio acontece desde os primórdios. Um rio que fala de “valor” tal como o mundo o conhece, de escala económica, de indústria, de eficiência, de poder, de dedicação à produção. Pouco antes de atravessarmos a Europa Central e de Leste, choveu o equivalente a um mês em 24 horas e continuou a chover durante vários dias. Milhares de pessoas tiveram de ser evacuadas. Casas, estradas, pontes e vidas inteiras foram destruídas.

Visitamos a Tagebau Hambach, uma grande mina de carvão a céu aberto. Outrora, era uma floresta antiga. Agora, é uma ferida aberta no planeta que se estende até ao horizonte. A extração começou em 1978; atualmente, são mais de 45 km<sup>2</sup> de uma paisagem épica, onde, ao longe, se avistam meros vestígios da antiga floresta. Pode-se tomar café enquanto se contempla este “portal” para outra dimensão. Por ali, vários painéis informativos exibem Zukunftslandchaft; no futuro, tudo isto será transformado em lazer... lagos artificiais, pessoas imaginárias e felizes a passear de barco... toda esta destruição irá, aparentemente, cair no esquecimento.

Após os primeiros dias de sol, começa o vento forte e a chuva. O São Pedro não deu tréguas. O tempo torna-se uma força motriz. Passamos uma noite, seca, a cantar karaoke num bar em Dusseldorf. Tudo isto implica um planeamento constante. A instabilidade rouba-nos tempo e energia mental. Vivemos num estado de distração perpétua. Lemos coletivamente passagens do livro de Timothy Morton sobre “hiperobjetos”, “coisas que estão massivamente distribuídas no tempo e no espaço em relação ao ser humano”. As alterações climáticas são, para nós, um hiperobjeto fundamental. Algo que se pode vislumbrar, mas que é difícil de definir. Vemos os efeitos à nossa volta. A impossibilidade de compreender o todo remete para o território concetual e emocional complexo em que navegamos. De manhã, fazemos papas de aveia. Simples, prático, juntos. Vemos vestígios das formas naturais do terreno, de paisagens antigas e das primeiras povoações, mas é o Reno que brilha verdadeiramente nos séculos XIX e XX, com a mineração, a indústria e o capitalismo tardio. Navegamos por entre estes monstros. O nome Reno vem da palavra gaulesa Rēnos, que deriva da raiz proto-céltica ou pré-céltica Reinos. Esta raiz faz parte de uma classe de nomes de rios que provêm do radical indo-europeu rei-, que significa “mover-se, fluir, correr”. De acordo com a Greenpeace, o Reno transporta diariamente cerca de 258 milhões de partículas de microplástico para o Mar do Norte em 2024, o dobro da quantidade registada em 2020.

Lemos textos sobre o feminismo hídrico, uma perspectiva filosófica que vê o mundo por meio da relação entre a água e os seres humanos, explorando como a água se relaciona com corpos, espécies e materialidades. Somos todos constituídos por água, a mesma água que circula incessantemente na atmosfera. Partilhar este pilar de construção com todos os seres, sencientes e não sencientes, pode contribuir

para que os nossos esforços transcendam a nossa própria existência e espécie. Zukunftslandchafts alternativos, que fogem das narrativas predominantes sobre o crescimento infinito e eficiências inesgotáveis. Passamos por Wunderland Kalkar, um parque de diversões que começou por ser uma central nuclear. As falhas de construção tornaram-na demasiado perigosa para produzir energia. Por isso, a torre de refrigeração alberga, agora, um carrossel. Do rio, ouvem-se os gritos. Mais tarde, alguém nos conta que o bilhete inclui gelado e batatas fritas. Diversão nuclear para famílias nucleares.

O tempo piora. Cansados e com frio, navegamos entre nós e pelo rio. Viver em comunhão é um sistema aberto e fechado, uma troca constante. Tina cria a regra da mão, onde os dedos representam 5 papéis diferentes, desempenhados de forma rotativa: o indicador propõe, toma decisões e organiza; o anelar apoia; o do meio refuta e oferece alternativas; o mindinho usa a imaginação; o polegar serve para garantir que tudo corre bem. Há duas pessoas sempre em repouso. O repouso é tão necessário como uma ação decisiva, uma forma de resistência. No equinócio, Alicja cria um ritual numa pequena praia na margem do rio. Um encerramento coletivo de uma estação e o recomeço de uma nova. Juntos, assistimos ao nascer de uma enorme lua de colheita.

Em Arnhem, conhecemos o Franz. Vive no rio há 15 anos. Diz-nos que o rio nos ensina que “não podemos controlar nada”. Em cada local de amarração, os Havenmeesters revelam-se abertos, flexíveis, curiosos. Criamos tópicos de reflexões, conversas e pensamentos:

Tudo é Aqui e Agora  
Feridas Abertas  
Macroplásticos  
Pornografia Industrial  
Incalculado  
Governação Líquida  
Natureza Falsa  
Pegar no Dinheiro e Fugir  
Tudo é Lixo  
Recursos Energéticos  
Contracorrente  
Transbordamento  
Fantasmas

Em Utrecht, Sonnenborgh, observamos Saturno através de um telescópio. Permite-nos diminuir o zoom e enquadrar as nossas questões sob uma perspetiva mais alargada, no seio de narrativas planetárias. Falamos de mistério, de como cultivar o espanto e a curiosidade, de criar um lugar para a beleza do não saber e para o deslumbramento quando damos por nós a imaginar futuros alternativos.

No Buitenplaats Brienoord, em Roterdão, colhemos e criamos com a terra; escavamos a argila do rio para esculpir; colhemos plantas comestíveis; contamos histórias; sujamo-nos, comemos, e dançamos juntos pela noite dentro.

A nossa viagem é feita de multidões. É difícil, mas bela. Quando estamos juntos, há divergências. Dançamos, cantamos, realizamos rituais, choramos, desesperamos, trabalhamos, divertimo-nos. Vivemos todo um espectro de emoções intensas. Juntos, somos composições extremamente complexas de pensamentos e crenças, que, por vezes, divergem e se contradizem. Todos os Zukunftslandchafts precisam de navegar entre a reciprocidade, a pluralidade e as fragilidades existentes.

## A ROTA DO TEJO O CARÁTER FLUIDO DO DESCONHECIDO LAURA KALAUZ E OLGA UZIKAEVA

O rio é uma *personagem*. Podemos, muitas vezes, prever, delinear e, talvez, compreender o seu curo, mas não deixa de ser moldado por condições mutáveis. Embora domesticado, o rio desafia o controlo, personificando a imprevisibilidade. Tal como o rio, a nossa viagem pelo Tejo reflete este espírito livre, uma dança entre o conhecido e o desconhecido, tão fluida como o Tejo, tão súbita como imprevisível.

Como aliados, nós interagimos com esta força, *domesticada e indomável*. Aprendemos a falar a sua língua, sentimos seu pulsar e desprendemo-nos das amarras, fluindo com e contra a natureza. Rendidos à viagem, somos levados pela corrente, cruzando-nos com pessoas ao longo do caminho e envolvendo-nos em diálogos espontâneos e atividades abertas ao público.

O rio dá o tom: imprevisível, desafiante, a transbordar de possibilidades. Abraçamos a complexidade desta natureza selvagem, adaptando-nos e evoluindo à medida que navegamos pelas suas águas. O espaço “nu e cru” que nos rodeia torna-se, simultaneamente, uma fonte de saber e inspiração. O desconhecido surge, imponente, à medida que deciframos a língua das aves que se aproximam do EVOA e criamos uma ligação com Portugal sem saber falar a sua língua. Cada um de nós tem algo para dar e receber.

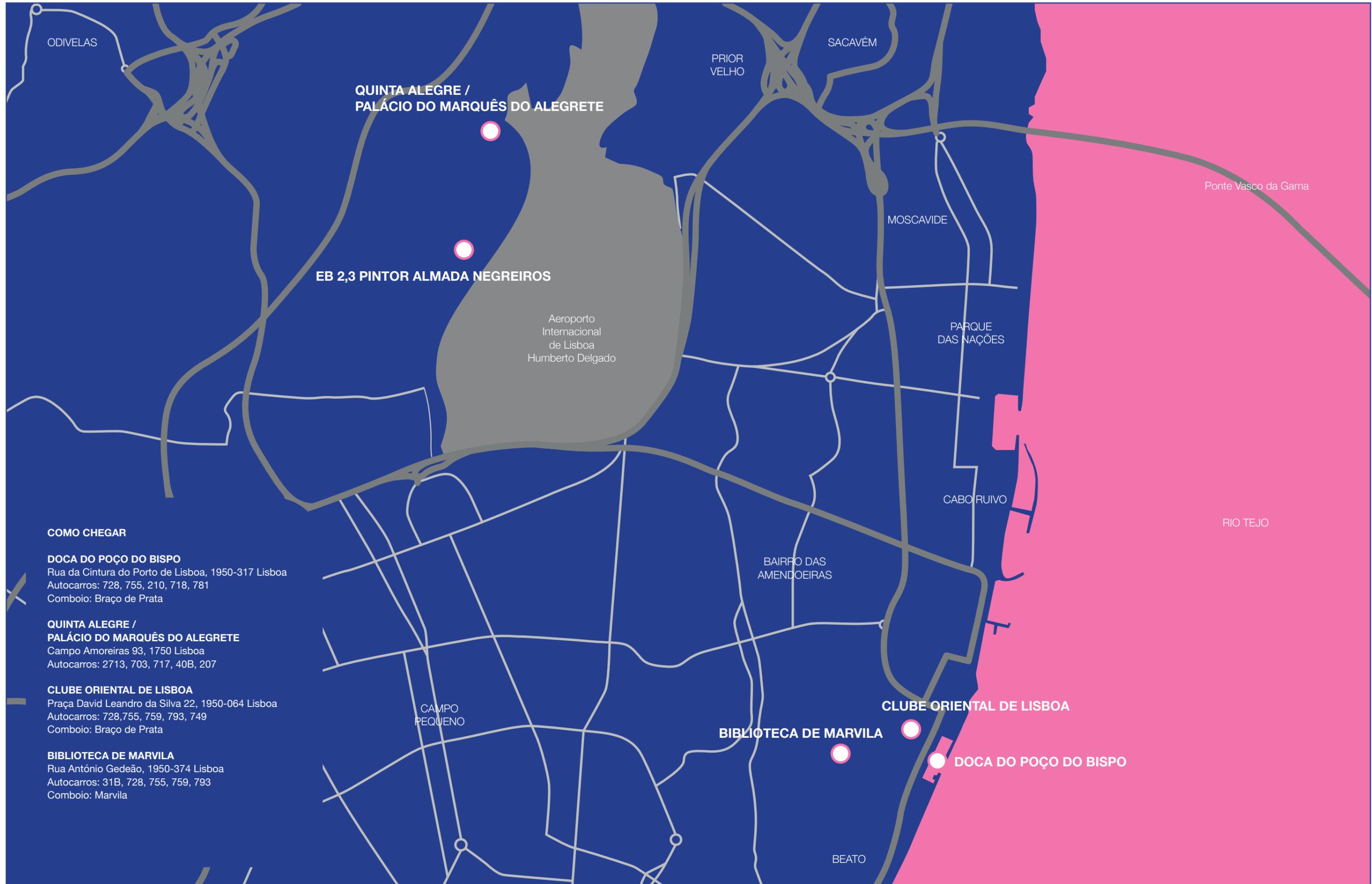
Questionamo-nos em prol da exploração. *O corpo*, na sua fluidez pessoal, social e coletiva, é um recipiente, tal como o rio é um corpo e o corpo é um rio. Juntos, mudamos e somos mudados constantemente por aquilo que nos rodeia, da mesma forma que uma criatura evolui em função do meio em que vive. O rio é um fluxo, uma fronteira, uma ponte, um obstáculo, uma solução...

Durante a exploração, deparamo-nos com uma dicotomia entre *o natural e o artificial*. Perguntamo-nos até que ponto a natureza pode ser artificial. Redefinimos o que é, hoje, considerado “natural”, investigando os conceitos que formam parte da vida contemporânea e os mitos que o sustentam. Se entendermos a razão como moral, a ciência como autoridade, e o mercado como a expressão máxima da civilização, será isto natural? Na era da globalização, onde o capitalismo impõe a vida digital e os seus modos de produção de sentido, a natureza torna-se uma mercadoria. Quantas horas por dia uma ave precisa de “trabalhar” para sobreviver? E nós, quantas?

*Desnaturalizamos* a noção de “natural”, expondo os mecanismos que ditam aquilo que consumimos, desejamos e tememos. A separação entre cultura e natureza confluiu na dicotomia civilização-barbárie, onde a cultura é vista como natural e *o progresso* como inevitável. No entanto, sabemos que nenhum conceito é culturalmente neutro ou politicamente ingénuo.

A *Equipa Artística por detrás do Rio Tejo* também dá forma à viagem através da diversidade das suas origens e práticas: *Pio Toroja* (AR), um arquiteto e planeador urbano socialmente empenhado; *Viktor Vejvoda* (CZ), um editor independente e artista de experiências humanas; *Neda Kovinic* (RS), uma artista interdisciplinar que utiliza o corpo como seu principal meio de expressão; *Leila Chakroun* (CH), uma investigadora transdisciplinar; e *Bogdan Djukanovic* (RS), um artista interdisciplinar.

A *Viagem ao Tejo* é mais uma investigação artística do que uma conclusão. Em tempos de crise, esta obra abre a porta à reflexão sobre as nossas crenças e o futuro que estamos a construir. Centra-se, sobretudo, na experiência e na improvisação, no mergulhar no desconhecido e na aceitação da imprevisibilidade.



## NAVEGAR PELOS RIOS – ARTISTAS, ATORES CÍVICOS, COMPANHEIROS DE VIAGEM RUMO AO DESCONHECIDO GODELIEVE VAN HETEREN

Quem irá viver o futuro, e como? Aqui está: os níveis alarmantes de insegurança que nós, humanos, atingimos em 2024 voltaram a manifestar-se. Preocupações crescentes sobre a nossa sobrevivência física e ecológica, o desmantelamento sistemático das relações sociais anteriores que constituíam o “fio de confiança”, exacerbadas pela exposição de várias relações de poder injustas e de mitos que mantiveram as pessoas subjugadas durante demasiado tempo. Estes são os ingredientes para uma tempestade perfeita.

Enfrentar esta realidade é uma tarefa difícil que nos toca a todos. Mas, como dizia um poeta, “a humanidade não consegue suportar demasiada realidade.” Por isso, debatemo-nos e procuramos formas de escapar. Seduzidos pelos meios de comunicação social ou, então, desviamos o olhar, absortos. Escondemo-nos na rotina do quotidiano; comer, trabalhar, dormir, produzir, consumir como se não houvesse amanhã. Encontramos um consolo temporário nas caminhadas, nos amigos ou nos jogos de futebol, ou simplesmente na cama, a recuperar da última noite. Embebedamo-nos, somos cancelados, lixamo-nos. Entramos em discussões, muitas vezes, fúteis nas redes sociais; enquanto “aqui ao lado”, ou em outras partes do mundo, há pessoas que se escondem à noite para fugir de ataques de drones, são chamadas para lutar na guerra, enterram os seus filhos, e lutam para se manterem vivas.

As instituições também não estão muito melhor. Muitas já não cumprem a sua função; algumas tentam reinventar-se.

“Navegar pelos rios”, neste contexto, pode ter vários significados. Estamos à procura do esquecimento, de um feitiço romântico para alimentar o nosso ego ou de refúgio numa bolha impenetrável? Ou estamos a criar atos de resistência, a abraçar o caos, a confrontar a nossa fragilidade e a procurar espaços que nos permitam revitalizar, reorientar e reconfigurar?

Desde que os barcos do Liquid Becomings, do Pavilhão Europeu, partiram, têm surgido diversas conversas, não apenas entre artistas, mas também em contextos mais amplos. Dentre aqueles que têm acompanhado as viagens com interesse, há um grupo que se destaca, uma multidão de pessoas envolvidas nos principais movimentos de transformação do nosso tempo. Esta rede de pessoas está a crescer a nível mundial, unidas por um interesse comum: o de agir face aos desafios globais atuais. Aparecem nos debates sobre as alterações climáticas e a biodiversidade, na vanguarda das reformas sociais e democráticas. Trabalham nas indústrias da energia e da água e da indústria alimentar. Reúnem-se em salas de audiências ou em contextos de transformação económica e financeira. Embora façam parte de um grupo heterogéneo, todos partilham a vontade de estabelecer relações produtivas uns com os outros ao longo do caminho. Sabem a importância e o valor da colaboração. Anseiam por instituições que tornem o mundo um lugar mais justo e habitável, e reconhecem que, para isso, é fundamental ultrapassar as armadilhas da economia

neoliberal atual e confrontar a persistência das estruturas imperiais e coloniais e das injustiças sociais.

Nesses contextos, a expressão “navegar pelos rios” ressoa verdadeiramente connosco. Evoca a busca por fluidez (confluência e convergência) num mundo que aparenta estar cada vez mais estagnado. Os trabalhadores de transição identificam-se profundamente com a poética singular dos rios: como eles sobem e descem, num misto de murmúrios e rugidos; como nos desafiam abertamente, regidos apenas pela lua e pelos ventos, e não aos caprichos humanos; como seguem o seu próprio curso, que já trilham há milhões de anos.

As pessoas de transição reconhecem, de imediato, as complexidades das práticas que partilham com os artistas: o trabalho de reinventar, redirecionar, reverter ao estado selvagem, regenerar, o exercício de se deixar levar pelo curso natural. Sentem, no íntimo, os desafios destas buscas, o tempo que as coisas exigem, e o prazer que pode advir. Percebem como todos os nossos sentidos, as comportas das nossas águas mais profundas, se podem abrir de forma inesperada no meio desses afazeres.

Os artistas e atores de transição partilham a vontade de contrariar as forças regressivas que permeiam nas esferas sociais. Desejam acabar com o domínio de narrativas, imagens e convenções antiquadas, que só servem interesses limitados. Estão, também, a explorar novas formas de vida, onde os valores fundamentais da justiça social, da sustentabilidade e da solidariedade possam prosperar.

De facto, as viagens fluviais dos artistas ressoam de forma intensa nos movimentos cívicos, e Liquid Becomings gerou um entusiasmo instantâneo, que se espalhou entre aqueles com uma paixão crítica pela Europa e pelos movimentos cívicos. Estes últimos veem o potencial essencial para fomentar diálogos entre artistas e atores cívicos, companheiros de viagem rumo ao desconhecido. Valorizam o convite para uma reconexão radical enquanto pessoas num mundo do qual a Europa faz parte.

A Europa institucional pode beneficiar muito das inspirações radicais dos rios, trazidas pelo Liquid Becomings. Afinal, as instituições também são, em última análise, compostas por grupos de pessoas. Em várias instituições europeias, as portas começam a abrir-se, ainda que com hesitação. Embora as histórias de estagnação continuem a dominar as manchetes, muitos sentem que não podemos ficar presos em espaços onde o fluxo há muito se perdeu. Não podemos continuar a seguir “modas” efémeras que nada nos trazem, enquanto as verdadeiras necessidades da vida são negligenciadas. De igual forma, não podemos continuar a persistir em promessas vazias nos terrenos baldios da não existência.

Para lá dos clichés cada vez mais insuportáveis das relações públicas sobre a Europa, a esperança, surpreendentemente, persiste. As condições reais de vida no continente europeu impulsionam redes de novas práticas, que evidenciam o nosso potencial de regeneração contínuo. A esperança reside nas pessoas e nas suas tentativas incansáveis de criar relações básicas de maneira diferente, dentro dos ecossistemas locais e com o resto do mundo.

A nossa política radical dos rios é, portanto, oportuna e necessária. Precisa de ser continuada e explorada por muito mais tempo. Liquid Becomings está apenas a começar.

## PROGRAMAÇÃO

### 7 NOV

14:00 - 18:00

Quinta Alegre

#### EXPOSIÇÃO LIQUID BECOMINGS

**Visitas à exposição dos materiais resultantes das viagens, acompanhadas por curadores e artistas que integraram as tripulações.**

Após as quatro viagens realizadas pelos rios Danúbio, Vístula, Reno e Tejo, os curadores e artistas que integraram as tripulações criam, na Quinta Alegre, um espaço de documentação e problematização em torno das suas experiências enquanto viajantes.

Navegar estes rios é atravessar a Europa por dentro, pelas suas vísceras, repletas de passado e presente, ruínas e espaços em construção, cheias de natural e social.

Nesta exposição, podemos ver estas travessias pelos olhares atentos e sensíveis das tripulações. E estes olhares atentos e sensíveis das tripulações em diálogo e fricção entre si.

14:00 - 17:00

Doca do Poço do Bispo

#### MS-FUSION ULTRA

**A equipa do MS-Fusion e artistas do projeto fazem a montagem do barco; este momento é aberto à participação do público.**

O coletivo austríaco MS-Fusion tem como centro da sua atividade a realização de residências artísticas e científicas ao longo do rio Danúbio. Para tal, criaram um protótipo - o barco MS-Fusion, uma assemblagem de elementos mais ou menos convencionais que permite a navegação e a estadia de artistas e cientistas.

Para a viagem pelo rio Tejo, o coletivo criou uma nova versão deste barco a que chamou MS-Fusion Ultra. “Ultra” de “Ultra light”, por ser mais leve e mais fácil de montar e desmontar.

No dia de abertura desta celebração, a equipa do MS-Fusion e os artistas participantes estarão na Doca do Poço do Bispo a montar novamente o MS-Fusion Ultra e todas as pessoas são convidadas a participar.

17:00 - 17:30

Doca do Poço do Bispo

#### BOAS-VINDAS ÀS TRIPULAÇÕES

**Chegada das tripulações que transportam a bandeira do seu rio. Performance do grupo de percussão Bloco Secretinho.**

17:30 - 18:00

Doca do Poço do Bispo / Clube Oriental

#### DESFILE

**Desfile entre a Doca e o Clube Oriental, acompanhado pelo grupo de percussão. As bandeiras são penduradas na fachada do Clube Oriental.**

O encontro para o início desta celebração está marcado para as 17:00, na Doca do Poço do Bispo, junto ao barco MS-Fusion Ultra. Aqui se encontram curadores, artistas, convidadas, amigos e todas as pessoas que queiram celebrar connosco.

Simbolicamente, transportamos as quatro bandeiras criadas pelo artista visual Siniša Ilić - uma por rio -, num desfile entre a Doca e o Clube Oriental, na companhia do coletivo de percussão Bloco Secretinho.

As quatro bandeiras serão colocadas na fachada do Clube Oriental e aí nos acompanharão durante os três dias de programação.

18:00 - 18:30

Clube Oriental

#### DISCURSOS DE ABERTURA

18:30 - 19:30

Clube Oriental

#### CONCERTO

**Concerto pelo grupo de Batucadeiras das Olaias.**

Batuku é um género musical de Cabo Verde. Na sua forma performativa, é apresentado cenário chamado terreru e interpretado por um coletivo de mulheres - as batucadeiras -, composto pelo coro e uma solista.

Considerado nocivo aos bons costumes durante a colonização portuguesa, este e outros géneros foram recuperados e trazidos para Portugal pelas comunidades cabo-verdianas na diáspora. É, precisamente, o caso das Batucadeiras das Olaias.

19:30 - 21:00

Clube Oriental

#### JANTAR COMUNITÁRIO

**Jantar servido por membros de diferentes comunidades estrangeiras que vivem em Lisboa. Drag performance com Afrika e Lazzarka.**

21:00 - 23:00

Clube Oriental

#### DJ SET

##### Lil Bukkake

Vinda diretamente da Califórnia, Lil Bukake mistura estilos de todo o mundo como o pop dos anos 2000, r&b, amapiano e cúmbia.

23:00 - 01:00

Clube Oriental

#### DJ SET

##### Didi

Didi é dj, investigador, produtor cultural e artista transdisciplinar. Como dj, conecta-se com os ritmos e manifestações artísticas afrodiáspóricas por meio de expressões sonoras e de movimento: do baile funk ao house, do r&b 90/00 ao afrobeat, da kizomba ao samba.

**8 NOV**

10:30 / 12:00 / 13:30 / 15:00

Doca do Poço do Bispo - Quinta Alegre

### **NEVER STOP TUK TUK TANDY 3000**

**A Drag Queen Tandy propõe ao público uma viagem entre a Doca e a Quinta Alegre, explorando a cidade. A saída é da Doca nas horas indicadas. Lotação de 6 pessoas por viagem mediante inscrição.**

Num percurso de 40 minutos, a Drag Queen Tandy guia o público numa reflexão sobre as transformações sociais e culturais de Lisboa e como os espaços podem ser reimaginados para incluir diferentes comunidades.

11:00 - 16:00

Quinta Alegre

**OCUPAÇÃO LIQUID BECOMINGS - Sharing the journeys Os curadores e artistas que fizeram as quatro viagens ao longo dos rios europeus partilham a experiência e os seus resultados.**

Neste dia, a exposição montada na Quinta Alegre ganha vida. Artistas e curadores ocupam o espaço, ativando a exposição através de performances, conversas, oficinas e experiências abertas ao público.

16:30 - 17:15

Escola EB23 Pintor Almada Negreiros

### **PUTOS DI KEBRADA**

**Apresentação do resultado da oficina desenvolvida pelos alunos do 9ºB com o rapper Valete.**

A Escola EB23 Pintor Almada Negreiros fica localizada num território comum a comunidades muito distintas, entre as quais comunidades imigrantes e ciganas. O que significa para elas a Europa? Como se sentem recebidas? Sentem-se europeias?

Convidámos o rapper português Valete a trabalhar em torno destas perguntas com a turma do 9ºB desta escola.

A discussão e a partilha de ideias, sentimentos e experiências serão transformadas numa performance musical.

17:45 - 19:15

Percurso

### **TERRA NULLIUS**

**Audio-caminhada com direção artística de Paula Diogo / Má-Criação. O local de partida é informado aos participantes mediante inscrição.**

TERRA NULLIUS é um espetáculo-percurso que tenta capturar a experiência de um lugar distante. Terra Nullius foi um termo criado pela lei internacional para definir territórios que não pertenciam a ninguém e por isso podiam ser ocupados. Mas Terra Nullius encerra também um significado poético, uma ideia de território inexplorado, uma espécie de oásis de liberdade onde seria possível recomeçar e repensar a nossa ideia de sociedade.

Durante um ano, Paula Diogo esteve em Reykjavik a desenvolver um projeto que tentava capturar uma ‘experiência do lugar’, cruzando-a com narrativas pessoais e coletivas. Como procedimento usou duas ações simples: caminhar e escrever.

19:30 - 22:00

Clube Oriental

### **SHOW CASES**

**Apresentação dos projectos Espaço Agora Now, MS-Fusion e Flow.**

22:00 - 22:45

Clube Oriental

### **UMBRA**

**Concerto da compositora e intérprete sérvia Marija Balubdžić.**

A compositora sérvia Marija Balubdžić (também conhecida como Umbra) faz colidir sons tenebrosos e tentações poéticas com a eletrónica. Ela confronta a voz com sintetizadores através de contraponto de formas de onda, intervenção sonora e experiências com canções, oscilando entre o ruído e as linguagens melódicas.

22:45 - 00:00

Clube Oriental

### **RODA DE SAMBA**

**Concerto do coletivo de samba feminista Gira e apresentação do resultado da colaboração entre o coletivo Gira e a compositora Marija Balubdžić.**

A noite termina com uma roda de samba. O coletivo Gira, presença incontornável nas sextas-feiras do Clube Oriental, junta-se à nossa celebração.

Para além disso, desafiámos este coletivo e a compositora Marija Balubdžić a iniciarem um diálogo, testando casamentos possíveis entre a electrónica sombria de Balubdžić e os ritmos contagiantes do samba.

**9 NOV**

7:45 - 9:15

Percurso

### **TERRA NULLIUS**

**Audio-caminhada com direção artística de Paula Diogo / Má-Criação. O local de partida é informado aos participantes mediante inscrição.**

TERRA NULLIUS é um espetáculo-percurso que tenta capturar a experiência de um lugar distante. Terra Nullius foi um termo criado pela lei internacional para definir territórios que não pertenciam a ninguém e por isso podiam ser ocupados. Mas Terra Nullius encerra também um significado poético, uma ideia de território inexplorado, uma espécie de oásis de liberdade onde seria possível recomeçar e repensar a nossa ideia de sociedade.

Durante um ano, Paula Diogo esteve em Reykjavik a desenvolver um projeto que tentava capturar uma ‘experiência do lugar’, cruzando-a com narrativas pessoais e coletivas. Como procedimento usou duas ações simples: caminhar e escrever.

10:00 - 13:00

Doca do Poço do Bispo

### **MS-FUSION ULTRA**

**Visitas ao barco acompanhadas por membros da equipa MS-Fusion.**

Nesta manhã de sábado, toda a gente pode ser marinheira. O MS-Fusion Ultra, acostado na Doca do Poço do Bispo, pode ser visitado na companhia dos membros do coletivo MS-Fusion.

14:00 - 18:00

Quinta Alegre

### **EXPOSIÇÃO LIQUID BECOMINGS**

**Visitas à exposição dos materiais resultantes das viagens, acompanhadas por curadores e artistas que integraram as tripulações.**

Após as quatro viagens realizadas pelos rios Danúbio, Vístula, Reno e Tejo, os curadores e artistas que integraram as tripulações criam, na Quinta Alegre, um espaço de documentação e problematização em torno das suas experiências enquanto viajantes.

Navegar estes rios é atravessar a Europa por dentro, pelas suas vísceras, repletas de passado e presente, ruínas e espaços em construção, cheias de natural e social.

Nesta exposição, podemos ver estas travessias pelos olhares atentos e sensíveis das tripulações. E estes olhares atentos e sensíveis das tripulações em diálogo e fricção entre si.

14:30 - 16:00

Biblioteca de Marvila

### **FICÇÃO ESPECULATIVA**

**Apresentação do texto de Gonçalo M Tavares, intitulado “Fábulas da Maldade para uma Europa Líquida”. Leitura pela atriz Tita Maravilha; performance visual da artista Adriana Proganó.**

No contexto do projeto Liquid Becomings, desafiámos o escritor Gonçalo M Tavares a escrever um texto curto que contribuísse para o debate em torno dos temas da Europa e do seu futuro. O resultado foi “Fábulas da Maldade para uma Europa Líquida”, que será lido publicamente pela atriz Tita Maravilha, na Biblioteca de Marvila.

Adicionando mais olhares, convidámos a artista visual Adriana Proganó para reagir em tempo real à leitura do texto, através de uma performance visual.

No final da apresentação, haverá uma conversa com os três artistas.

16:00 - 16:30

Biblioteca de Marvila

### **Coffee Break**

16:30 - 19:00

Biblioteca de Marvila

### **Conversa Exploratória**

**Com os oradores convidados Báyo Akómoláfé e Elizabeth Povinelli e moderação de Ritó Natálio.**

Convidámos o filósofo Báyo Akómoláfé e antropóloga Elizabeth Povinelli para se juntarem a nós na ideação de possíveis estratégias que nos permitam lidar com os incriveis desafios civilizacionais que enfrentamos, quer isso signifique chorarmos em conjunto todas as perdas irremediáveis que já sofremos ou, então, experimentarmos outros modos operativos para uma sobrevivência feliz. Esta conversa será moderada por Ritó Natálio.

19:30 - 22:00

Clube Oriental

### **REFLEXÕES FINAIS**

**Partilha de impressões e questões sobre os três dias do evento.**

Convidamos todas as pessoas que acompanharam esta programação para se juntarem a nós em mais este momento final de reflexão e sistematização de todos os contributos e desafios lançados pelos artistas e pelo público para pensarmos a Europa e o seu futuro.

22:00 - 23:00

Clube Oriental

## SILENT DISCO

**Espetáculo com direção artística de Alfredo Martins / teatro meia volta e depois à esquerda quando eu disser**

Silent Disco é um espetáculo imersivo que explora o potencial da tecnologia das festas ‘silent disco’. O público forma uma comunidade temporária, guiada através de auscultadores pelo espaço vazio da discoteca. Este espetáculo procura especular sobre a natureza do ‘clubbing’ como um acto de resistência, capaz de reconfigurar formas de reflexividade, afetividade e corporalidade. Identidades espectaculares, sexualidades múltiplas, consumos hedonistas, fisicalidade crua – poderão estes constituir-se como práticas políticas de resistência?

23:00 - 01:00

Clube Oriental

## LIVE ACT

### Ekco Deck / Putos Secos

Rui Lima e Sérgio Martins, músicos e desenhadores de som para espetáculos de teatro e dança, criam também música electrónica inspirada no techno de Detroit, sob o nome de Ekco Deck.

Quando se juntam a Annie Kleinhesselink e Jorge Quintela, transformam-se em ‘Putos Secos’.

01:00 - 03:00

Clube Oriental

## DJ SET

### Nicolle Velcro

Com o groove do disco e um house clássico e intenso, mesclados com toques de nostalgia pop, Nicolle Velcro não consegue evitar trazer à tona a sua relação ultraromântica-não-monogâmica com o electro indie.

## PAVILHÃO EUROPEU 2024

### LIQUID BECOMINGS

Quatro Rios. Quatro viagens

27 de agosto - 1 de novembro de 2024

## PAVILHÃO EUROPEU 2024

### LIQUID BECOMINGS

Imaginar o futuro da Europa

Festival de Lisboa 7-9 de novembro de 2024

#### Curadores

Bojan Djordjev, Laura Kalauz, Maria Magdalena Kozłowska, Siniša Ilić, Alfredo Martins, Annette Mees, Naomi Russell e Olga Uzikaeva, com Agnieszka Brzeżańska e Ewa Ciepielewska.

Espaço Agora Now em parceria com o Teatro Meia Volta, MS Fusion, United Artist Labor, FLOW.

#### Artistas participantes

Alicja Wysocka  
Bogdan Djukanović  
Carola Uehlken  
Elodie Olson-Coons  
Elina Rodriguez  
Flavia Barbosa Pinheiro  
Florian Sogro  
Gosia Kepa  
Hanna Priemetzhofer  
Isabel Soany  
Jaka Škapin  
Keli Freitas  
Katarina Popović  
Leila Chakroun  
Małgorzata Kuciewicz  
Małgorzata Markiewicz  
Marija Balubdžić  
Marta Niedbal  
Martin Schick  
Mette Sterre  
Neda Kovinić  
Niel de Vries  
Pio Sebastian Torroja  
Ptryk Zakrocki  
Rainer Prohaska  
Romuald Krezel  
Sophie Thun  
Viktor Vejvoda

#### Produção + equipa técnica

Lucy Atkinson, Ana Paula Teixeira, Hannah Tully, Dragana Jovović, Aleksander Rakezić, Camie Karstanje

#### Barcos e capitães

**MS-Fusion:** Rainer Prohaska, Hanna Priemetzhofer, Florian Sorgo, Gerardo Montes de Oca Valadez  
**FLOW:** Piotr Jedynasiak

**Gestora de Marketing + Redes Sociais**  
Flávia Ruas

**Design gráfico (primeira fase)**  
Jan Tomza- Osiecki

**Marketing de conteúdos**  
Mandy Martinez

#### Filmes

Dušan Čavić + Dušan Šaponja / Marka Žvaka

#### Podcasts

Donald Hyslop para a Resonance FM

**Representante para a imprensa**  
Heidi Vandamme

**Representante da imprensa de Belgrado**  
Monika Husar / KomunikArt

Liquid Becomings é uma encomenda da Fundação Europeia da Cultura. Recebe apoio adicional da Fundação Calouste Gulbenkian, da DGArtes e da República Portuguesa, da Embaixada do Reino dos Países Baixos em Belgrado, dos Amigos Fundadores do espaço agora now, do Instituto Adam Mickiewicz com cofinanciamento do Ministério da Cultura e do Património Nacional da Polónia, a Câmara dos Deputados do Ministério da Cultura e do Património Nacional da Polónia, Câmara Municipal de Lisboa, Quinta Alegre, Resonance FM, Antena 3, Antena 2, Rádio Futura, Canal 180, Delta e this is ground control.

## PROGRAMAÇÃO DE LISBOA

#### Curadoria

Alfredo Martins, com restante equipa de curadores

#### Marketing e comunicação

Cláudia Duarte / This is Ground Control

#### Design gráfico

Luís Cepa

**Concepção do espaço / Clube Oriental de Lisboa**

António MV

#### Apoio cenográfico

Saulo Silva

#### Desenho de luz / Clube Oriental de Lisboa

Joana Mário

#### Produção executiva

Mariana Rolim e Ana Raquel Rodrigues

#### Produção técnica

Ricardo Costa

#### Assistente de produção

Jaime Carvalho

#### Audiovisuais

Eventmood

#### Tradução simultânea

AP | PORTUGAL

#### Tradução LGP

HandsVoice

#### Tradução da brochura

Translasaurus

#### Registo vídeo e fotográfico

na sombra

#### Bloco Secretinho

Adriano Lodi Della Nina  
Amanda Campos Fontenele  
Ana Carolina Campos Cicone  
Ana Luiza Barbosa de Castro  
André Papadopoulos  
Ariel Flor Borges  
Camila Rondon Curado  
Diogo Alberto Fernandes de Oliveira  
Elisa Ribeiro Ferreira  
Fabiana Porto Pichler  
Flávia Torezani Silva  
Jefferson Argôlo Santos  
Joana Neves Antoninho  
João Tiago da Silva Nota  
Letícia Daquer  
Leticia Tilves Freijeiro  
Lisanne Lannoo  
Marcela Polo Minguete Silva  
Panmella Silva Cruz  
Robert Jeancarlo Gomez Bravo  
Tuila Leveghim Teixeira  
Victor Martins Prata  
Vitor Borges  
Produtora executiva: Caroline Cardoso

#### Batucadeiras das Olaias

Clarisse Monteiro  
Manuel Monteiro  
Manuel Carvalho

Joana Ribeiro

Rita Borge

Filomena Veiga

Belmira Gomes

Ana Vicente

Ludeneia

Márcia Rodrigues

Emília Almada

António Ourico

#### NEVER STOP

Drag Tuk Tuk: Tandy 3000; Drag Dinner: Afrika & Lazzarka; Gestão de projeto: Romulo Freitas e Lincoln Freitas

#### Projeto Escola EB23 Pinto Almada Negreiros

Direção artística: Valete

Músicos: Sérgio Mota Silva e Viny Terra Nova

Participantes: Estudantes do 9ºB

#### Terra Nullius

Direção, criação e performance: Paula Diogo; Texto e voz: Paula Diogo; Desenho de som e música: João Bento; Colaborador@s em circulação: Estelle Franco, Renato Linhares e Carlos Alves; Guias locais: Estelle Franco e Carlos Alves; Conceito (livro): Frame Coletivo e Paula Diogo; Design Gráfico (livro): Masako Hattori; Mapas: Elsa Mencagli; Colaboradores na criação: Alfredo Martins, Daniel Worm, Elsa Mencagli, Estelle Franco, Masako Hattori, Frame Colectivo e Renato Linhares; Apoio dramaturgico: Alex Cassal; Fotografia de cena: João Tuna; Coprodução: Má-Criação e TNDMII (Teatro Nacional D.Maria II)

#### Umbr

Composição e performance: Marija Balubdžić

#### Coletivo Gira

Kali Peres, Emile Pereira, Tida Pinheiro, Méli Huart , Bibi Nobre, Lika Mattos, Brunão

#### Ficção Especulativa

Texto: Gonçalo M Tavares; Leitura: Tita Maravilha; Performance visual: Adriana Proganó; Tradução do texto para inglês: Joana Frazão

#### Conversa Exploratória

Convidados: Báyo Akómoláfé e Elizabeth Povinelli; Moderação: Ritó Natálio; Consultora: Godelieve van Heteren

#### Silent Disco

Direção artística: Alfredo Martins; Cocriação: Marco da Silva Ferreira; Interpretação: Lewis Seivwright; Acompanhamento dramaturgico: Teresa Fradique e Pedro Marum; Música e desenho de som: Rui Lima e Sérgio Martins; Desenho de luz: Joana Mário; Produção executiva: Daniela Ribeiro; Desenho Gráfico: Ricardo Barbeito; Residências de criação: O Espaço Do Tempo (Montemor-o-Novo), Fábrica das Ideias da Gafanha da Nazaré (23 Milhas - Ílhavo), Circolando – Espaço de Criação Transdisciplinar (Porto), Companhia Instável (Porto); Produção: Teatro Meia Volta; Coprodução: BoCA, Teatro Municipal do Porto; Texto livremente inspirado em livros/ensaios de Ashkan Sepahvand, Donna Haraway, José Esteban Muñoz , Michel Foucault e Paul B.Preciado.

#### Ekco Deck (live act)

Annie Kleinhesselink, Jorge Quintela, Rui Lima, Sérgio Martins

#### DJs

Lil Bukkake, Didi, Nicolle Velcro

## EVENTBRITE / RESERVAS



O Agora Now é um projeto independente, em fase inicial, sem financiamento estrutural. Somos uma organização de utilidade pública (ANBI), Stichting Pássaros, registada em Amesterdão, nos Países Baixos. Todos os parceiros do consórcio envolvidos no Liquid Becomings são, como nós, estruturas independentes, lideradas por artistas. Dependemos inteiramente de doadores individuais e de organizações que acreditam nas nossas ideias e partilham a nossa visão ousada para realizar todos os nossos projetos e programas.

Se quiser contribuir com um donativo para o programa que experienciou no âmbito das celebrações do Liquid Becomings, aqui em Lisboa, pode fazê-lo aqui:



Se estiver interessado em apoiar-nos como Founding Friend, ou de uma forma mais estrutural, teremos todo o gosto em fornecer mais informações e conversar consigo. Por favor, envie-nos um email para: [naomi@espacoagora.space](mailto:naomi@espacoagora.space)

**Cada contribuição, pequena ou grande, faz a diferença.**

## RIOS DE GRATIDÃO

Liquid Becomings trata de imaginar novos modos de união. A criação da nossa bienal foi um ato coletivo. Isto é a essência do Agora Now e dos nossos valores. Quando nos juntamos, podemos agir em conjunto.

Pessoas de toda a Europa e além contribuíram para a realização deste projeto, na água e em terra, nas marinhas, na costa; guardas, motoristas, pessoas que partilharam as suas instalações, contactos, conhecimentos, informação, reflexões e partilharam a sua visão sobre as comunidades perto do rio, formas de vida e histórias pessoais.

Muitas outras pessoas acompanharam o projeto por meio de conselhos, doações de crowdfunding, navegação pelas redes sociais e outros meios, que nos ajudam a fluir. Elas são um rio que podemos navegar. Gostaríamos também de agradecer a todas as pessoas que nos deram conselhos e apoio nos últimos dias de preparação para o Festival de Lisboa.

Aart Strootman  
Adam Traczyk  
Agamu Agora-Świadom,  
Aleksandar Rakezić,  
Aleksandra Smiljanić,  
Aleksandrija Ajduković,  
Alexandre Lyra Leite,  
Ana Almerum,  
Anabela Correia,  
Andre Wilkens,  
Andreia Luís,  
Andresa Soares,  
Anna Barcz,  
Annet Lekkerkerker,  
Arek Sylwestrowicz,  
Aric Chen,  
Arjo Klamer,  
Arthur Steiner,  
Artur Kurek,  
Astrida Neimanis,  
Barbara Pietrzak,  
Bartosz Sak,  
Becky Schutt,  
Bojana Janjić,  
Boriana Rukanova,  
Branislav Tomić,  
Branka Benčić,  
Brutus  
BWA Warszawa,  
Camie Karstanje,  
Catarina Vaz Pinto,  
Cecylia Malik,  
Charles Eijsbouts,  
Claire Rowell,  
Clare Parsons,  
Coletivo Gira,  
Cricoteka,  
Danube 50streamwaves  
soundmap,  
David Parracho,  
Dina Lopes,  
Direção e funcionários da Escola  
EB23 Pintor Almada Negreiros,  
Direção e funcionários do Clube  
Oriental de Lisboa,  
Dom Utopii,  
Donald Hyslop,  
Dorota Walentynowicz,  
Dragan Jovanović,  
Dragana Jovović,  
Dušan Čavić & Marka Žvaka,  
Dušica Parezanović,  
Dwa Żywioty,  
Ela Kurowska,  
Elin Schofield,  
Embassy of the Netherlands  
in Lisbon,  
Emilia Orzechowska,  
Enea,  
Esra Sen,  
Ewa Zarzycka,  
Ewelina Jarosz,  
F J + A N Bruijn  
Fanni Nánay,  
Fernanda Pereira da Silva,  
Ferran Barenblit,  
Fleur Hudig,  
Françoise Vergès,  
Friso Wiersum,  
G B Fritsche  
Gabriel Muzak  
Gabrielle Mol,  
Galeria El,  
Galina Maksimović

GGM Łaźnia,  
Gijs Scholten van Aschat,  
Giovanni Stijnen,  
GJP Gradsko zelenilo,  
Godelieve van Heteren,  
Goran Ferčec,  
Gosia Szymczyk-Karnasiewicz,  
Grażanska inicjatywa sačuvajmo  
savski nasip,  
Hans in Vianen,  
Hassan Mahamdallie,  
Heidi Vandamme,  
Helena da Silva,  
Hubert Endz,  
Hubert Verspui,  
Huibert Pols,  
Ilona Biedron,  
Indrani Goradia,  
Inês Valle  
Irene van Affelen,  
Iris Kisjes,  
Iva Prosoli,  
J Roeters + S Poll  
Jagna Badowska  
Janek Nowak  
Janpier Brands,  
Jarek Kurczak Kaluża,  
Jasna Jakšić,  
Jason Hickel,  
Jessica Crowe,  
Joanna Symbiosis  
Joanne Ooi,  
Joep Lieshout,  
John O’Kane,  
Johnny O’Reilly,  
Joost Ector,  
Joost Vervoort,  
Jovana Milovanović,  
Joyce Brown,  
Józef Ratajczak,  
Julja Gje,  
Justyna Górowska,  
Justyna Nowicka  
Kamil Kuitkowski,  
Karen Reilly,  
Karin Overbeek,  
Katharine Turner,  
Katinka Huijberts,  
Katja Petrović,  
Khalid Albaih,  
Kitti Baracsi,  
Krystyna Grzesiak,  
Kuba Falk,  
Leonardo Garibaldi,  
Leonoor Koole,  
Leosvani Valladares  
Lore Gablier,  
Lucia van Heteren,  
Luka Milanović,  
Łukasz Trzciński,  
M K Brinks  
Magda Mosiewicz,  
Maja Rup,  
Małgorzata Szydłowska,  
Marcel van Drift,  
Marco Zappalorto,  
Margarida Ferra,  
Margriet Leemhuis,  
Maria Toboła,  
Maria Joao Machado  
Marka Žvaka,  
Marlene Strikker,  
Martijn van Schieveen,  
Martin Blokker,

Mary Asa,  
Máté Gáspár,  
Mateusz Tabaka,  
Mateusz Tabaka,  
Matylda Wejdmann,  
Maurice Specht,  
Michał Kowalski,  
Michał Nowak,  
Michał Piasecki,  
Michał Suchora,  
Mieczysław Łabędzki z Ulanowa,  
Miguel Figueira,  
Miguel Magalhães,  
Mila Stojanović,  
Miloš Andrejević,  
Miłosz Łuczyński,  
Mo Tomaszewska,  
Monika Tabaka,  
MSN and Jakub Depczyński,  
Muzej Macura,  
Muzeum Miasta Krakowa-  
MYdomek,  
Natasha Peerderman,  
Nel Lato,  
Nevena Nikolić,  
Nichola Johnson,  
Olga Wysocka.  
Pablo Hannon  
Pamoja Press  
Paul Schnabel,  
Paulina Kitlas,  
Paulina Myszka Kielar,  
Paweł Korbus,  
Paweł Łyjak,  
Pedro Ferreira,  
Philipp Dietachmair,  
Piotr Jedynasiak,  
Piotr Kielar,  
Piotr Kozłowski -Przystań,  
Piotr Sadurski,  
Piotr Sasiowski  
Porto de Lisboa,  
Prof. Fátima Cardoso,  
Professoras da turma 9ºB,  
Project BUIH,  
Prue Gibbons,  
Radio Kraków,  
Radosław Radoń,  
Rafał Mazur,  
Rebecca de Pelet,  
Renata Brząkała OTOP,  
Rien Bongers,  
Robert Jankowski,  
Ross Sleight,  
Rotterdam City Marina en  
Havenmeester  
Rute Mendes,  
Rutger Wolfson,  
Ryba Płotka,  
S Hogenhuis,  
Saar Franken,  
Sabina Sabolović,  
Samantha Lloyd,  
Sanne ten Brink,  
Sara Duarte  
Saskia Tamara Kaiser,  
Sebastian Gonzalez  
Sebastian Podleśny-Żeby Kózka,  
Sepake Angiama,  
Sevdalina Rukanova,  
Siostry Rzeki,  
Solca nad Wisłą,  
Sophie Bloemen,  
Stefan Denig,

Sternicy,  
Strahinja Padežanin,  
Susana Duarte,  
Szczepan Leśniak,  
Szymon Rogiński,  
Szymon Zachariasz,  
Tanja Koning,  
Tanja Kukobat,  
Tanja Tierie,  
Teja Reba,  
Tendai Terrence Thondhlana,  
Teresa Ramen,  
Tineke Boom,  
Tomasz Talerzak,  
Tomek Pawłowski,  
Tomoko Mukaiyama,  
Ulka Pogorzelska,  
Velibor Živkov,  
Vesna Teršelič  
Vincent Fierens,  
Vladimir Macura,  
Wacław Witkowski,  
Wendy Richardson,  
Wody Polskie  
Wojtek Jozefowicz,  
Yola Ponton,  
Zairah Khan,  
Zofia Jakubowicz-Prokop,

**OBRIGADO.**

## Programação completa e registo de participação [liquidbecomings.eu](https://liquidbecomings.eu)

The European Pavilion 2024: Liquid Becomings é uma comissão da European Cultural Foundation e resulta de uma colaboração entre organizações internacionais liderada pela Stichting Passaros, dos Países Baixos, e a rede espaço agora now: Teatro Meia Volta (PT), MS Fusion (AU), UnitedArtist Labor (SE), FLOW (PL). Tem curadoria de Bojan Đorđev, Laura Kalauz, Maria Magdalena Kozłowska, Siniša Ilić, Alfredo Martins, Annette Mees e Naomi Russell. O projecto conta com o apoio adicional da Fundação Calouste Gulbenkian, DGArtes e República Portuguesa, da Embaixada do Reino dos Países Baixos em Belgrado, dos Founding Friends of espaço agora now, do Instituto Adam Mickiewicz com co-financiamento do Ministério da Cultura e do Património Nacional da Polónia, da Câmara dos Deputados do Ministério da Cultura e do Património Nacional da Polónia, da Câmara Municipal de Lisboa.

Parceiros:



Apoio:



Parceiros Media:

